

SISTEMA DE INFORMAÇÃO DO ACERVO DE LÍNGUAS INDÍGENAS (SIALI) UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DE ACERVO MULTIMÍDIA*

Ellison Cleyton Barbosa dos SANTOS
(Museu Paraense Emílio Goeldi)

RESUMO: Este artigo descreve o Sistema de Informação do Acervo de Línguas Indígenas (SIALI), uma base de dados elaborada para organizar acervos multimídia de dados linguísticos e etnográficos. A base foi desenvolvida em *MS Access* e oferece um modelo de catalogação e classificação customizado para os usuários da área, unificando assim recursos tecnológicos e técnicas biblioteconômicas. O design físico apresentado aqui especifica a configuração necessária de uma base para arquivamento permanente de material multimídia. Isso inclui especificações detalhadas dos elementos centrais para lidar com diversos tipos de informação, opções de entrada e busca e outros parâmetros importantes para uma base de dados de médio porte. A sistematização do acervo teve bons resultados, devido a sua customização conforme os interesses dos usuários.

PALAVRA-CHAVE: Base de Dados; Armazenamento e Recuperação de Informação; Acervos multimídia; Dados linguísticos e etnográficos; Microsoft Access.

ABSTRACT: This paper describes the Sistema de Informação do Acervo de Línguas Indígenas (SIALI), a database designed to organize the storage

* Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso, bacharel em Biblioteconomia, de Ellison dos Santos, sob orientação de Osmar Arouck e coorientação de Gessiane Picanço, a esta consideração especial (SANTOS, 2007). O projeto inicial do SIALI teve o apoio da área de Linguística do Museu Paraense Emílio Goeldi, através de uma Bolsa de Iniciação Científica.

of linguistic and ethnographic media data. The database was implemented in MS Access and offers a personalized mechanism for controlling the organization and storage of data, based on library techniques. The physical design presented here identifies the core configuration required in a database, including organization, storage, management, retrieval of data, and other features that are important for a database on storage media.

KEYWORDS: Database; Storage and retrieval of data; Media collections; Linguistic and ethnographic data; Microsoft Access.

1 INTRODUÇÃO

A cultura tradicional de uma comunidade tenta expressar sua identidade cultural de diversas formas como, por exemplo, a língua, festas e mitos, técnicas artesanais, relações sociais e rituais. Tudo isso forma um patrimônio cultural específico de cada comunidade. Dessa forma, podemos enxergar o Patrimônio Cultural de um povo como o verdadeiro valor da sua cultura (UNESCO, 2003). Esse patrimônio precisa, portanto, ser bem preservado, pois é tão valioso, já que carrega as informações relacionadas com um povo em particular, quanto frágil, já que pode ser perdido facilmente.

No entanto, o que vemos hoje é que a diversidade cultural está diminuindo devido a vários fatores; entre eles encontramos a não preservação de bens, tanto material quanto imaterial, a descontinuação na transmissão entre gerações, etc. A preservação desses bens é fundamental, pois é através destes que percebemos a identidade cultural de um povo, seu passado e seu presente. Porém a não preservação desses bens recai na “perda irreversível [...] da pré-história lingüística” (FRANCHETTO, 2000).

A gravidade da situação se reflete em dois grupos que estão diretamente ligados: o próprio povo indígena e os lingüistas. O primeiro pela perda de sua história e identidade e o segundo pela

perda do “próprio objeto de estudo e a possibilidade de conhecer os parâmetros e limites da variação das estruturas lingüísticas e de testar as teorias gerais sobre a linguagem humana.” (DRUDE, 2006, p. 3).

No Brasil, a preocupação com a preservação de povos e línguas indígenas cresce constantemente, assim como a valorização dos seus conhecimentos tradicionais (GALUCIO, 2005, p. 110). Evidentemente a documentação e o registro dessas informações e conhecimentos também crescem. Dessa forma o acervo documental da área de lingüística do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ling/MPEG) representa uma tentativa de colaboração para a preservação da riqueza das diversas línguas e culturas de povos indígenas brasileiros.

O acervo tem como objetivo registrar, armazenar e preservar documentos audiovisuais em formato digital com informações Etnográficas e Lingüísticas, servindo tanto para estudos culturais quanto lingüísticos. Ele é constituído principalmente por listas de palavras e outros dados lingüísticos, narrações de mitos, narrações pessoais, festas, danças e cantos indígenas tradicionais. Composto, na sua maioria, por materiais produzidos a partir do trabalho de campo dos pesquisadores do setor, sendo uma pequena parcela formada a partir de contribuições de projetos ou pesquisadores externos, feita através de contatos com pesquisadores da área lingüística do Museu.

Em outras palavras, trata-se de um acervo formado pelo registro do Patrimônio Imaterial e informações lingüísticas de vários grupos, elevando assim a sua importância. Mas como organizar e proteger toda essa informação e, ao mesmo tempo, torná-la mais acessível aos usuários?

O grande volume de material etnográfico e lingüístico reunido pela Ling./MPEG representa um bom caso para ilustrar a proposta da base de dados apresentada aqui. Apesar de rico, esse acervo necessitava ainda de um sistema que pudesse corresponder, com eficiência, aos quesitos de armazenamento, organização e recuperação da informação. Para isso foi apresentado um projeto com a proposta de sistematizar o acervo multimídia, utilizando-se um banco de dados

implementado em *MS Access*, e uma proposta de catalogação customizada, resultando no Sistema de Informação do Acervo Línguas Indígenas (SIALI). Através da utilização desse importante recurso tecnológico e técnicas biblioteconômicas, buscou-se melhorar o rendimento no desenvolvimento, sistematização e recuperação da informação dentro da área de estudos lingüísticos. Nesse contexto, podemos citar Valentin quando relata que “a informação não está sozinha, junto dela a informática surge como uma ferramenta, como um instrumento que permite a aglutinação das informações produzida em diversos cantos do mundo” (1997, p. 16).

2 O SIALI

O Sistema de Informação do Acervo de Línguas Indígenas (SIALI) é um sistema que tem como objetivo organizar acervos de mídia de forma padronizada, para uma melhor recuperação da informação documentada.

Inicialmente foi apresentada uma solução que correspondesse aos quesitos de organização do acervo multimídia do Ling./MPEG, introduzindo ao planejamento formas biblioteconômicas de catalogação e indexação do material, assim como uma avaliação do acervo, levando-se em consideração os tipos de mídias utilizadas para armazenamento, além de uma consulta aos usuários do setor com o intuito de absorver informações que definissem objetivos e procedimentos no desenvolvimento do sistema. Concluído o planejamento, desenvolveu-se um banco de dados na plataforma *MS Access*, sendo este um sistema relacional de gerenciamento de banco de dados que possuía as características adequadas de transferência de dados e todos os quesitos necessários para registros das informações do acervo, como sistema de busca e fácil manutenção. Sua principal característica está relacionada à customização do sistema de acordo com as necessidades dos usuários.

Pela sua importância de armazenamento das informações, dentro do departamento, o SIALI tornou-se um sub-projeto dentro do Programa para Documentação de Línguas e Culturas Indígenas (Projeto Kayapó), passando a ser um projeto de iniciação científica.

Encontram-se, atualmente, no acervo 1131 materiais já registrados no SIALI, os quais estão divididos em 194 línguas e dialetos. Desse total, 407 são documentos de dados lingüísticos como lista de palavras, frases e nomes (objetos, pessoas, animais ou frutas); 504 são dados etnográficos, como narrações de mitos, canções, músicas e rituais; 189 são materiais gerais, que envolvem eventos, palestras, workshop entre outros; e 31 envolvem dados tanto lingüísticos quanto etnográficos. Podemos contar ainda 144 materiais editados, ou seja, que sofreram algum tipo de modificação para um melhoramento do registro gravado. De todos os materiais, 501 já possuem cópia de segurança, o que assegura sua preservação em caso de danos no material original.

Atualmente o SIALI está disponível apenas no departamento de lingüística, no entanto a forte característica de customização faz com que seja facilmente adaptado a outros acervos. Há também facilidade de integração com outros programas, pois possui a linguagem XML, utilizada atualmente para comunicação de dados.

As seções seguintes detalham a configuração física do SIALI, elaborada para lidar com tipos variados de informação, opções de entrada e busca e outros parâmetros importantes para uma base de dados que comporte material digital.

2.1 INTERFACES

A intenção era criar interfaces com menus menos complexos, capazes de simplificar ao máximo a utilização do sistema, dando uma boa compreensão e mantendo sua eficácia. Baseado nisso, foram desenvolvidos menus de acesso com poucos botões, acessos simples e de objetivos diretos.

Para a interface de registro foram escolhidos campos de descrição do material conforme a necessidade da instituição, levando-se em consideração quais informações os usuários pretendiam recuperar sobre o material. Decidiu-se então pela customização e simplificação do sistema, sem a utilização de regras padronizadas de catalogação, como as do Código de Catalogação Anglo Americano¹ ou o formato Marc².

A figura abaixo é uma demonstração do formulário de inserção de dados, onde são inseridos os metadados.

Figura 1 - Formulário principal

Para um melhor entendimento sobre essa interface, veremos abaixo os principais campos que o compõe e uma breve definição dos mesmos.

¹ O Código de Catalogação Anglo Americano é um formato bibliográfico internacional para descrição de itens de uma biblioteca.

² O Marc é um formato internacional para intercâmbio de registros bibliográficos.

Língua: este campo se caracteriza por representar a língua/povo documentados no material; em alguns casos, o valor Geral é utilizado para fazer referência a materiais referentes a eventos;

Classificação: aqui ficam registrados o tronco e a família lingüísticos, fazendo referência à língua classificada acima;

Tipo de Material: caracteriza-se aqui o material, especificando-o conforme o tipo registrado dos dados, que podem ser áudio, vídeo, ou foto;

Referência/Acervo: aqui se encontra o código de representação do material no acervo de materiais, formado pelo código da língua (ver seção 3 abaixo), tipo de material, data de produção, e os números referentes ao banco de dados, explicado mais adiante;

Referência/Consulta: trata-se do código referente à catalogação do material; através dele é possível localizar o material no acervo de consulta. Para preservar o acervo original, recomenda-se que o material de consulta seja formado somente de cópias, evitando assim possíveis danos físicos ao material original.

Além desses, há também campos com informações técnicas mais específicas sobre o material do acervo e seu conteúdo; destacam-se os seguintes campos.

Título de Identificação: neste campo insere-se o título que identifica o material, caso haja um;

Data-Gravação: data em que o material foi produzido;

Local: local de produção do material;

Informante: identificação do falante indígena;

Gravado por: identifica o responsável pela gravação do material;

Suporte-Gravação: fornece os detalhes sobre os equipamentos utilizados para a produção do material, como: microfone, aparelho de gravação, iluminação, etc.;

Dados lingüísticos: destaca os conteúdos com informações destinadas a estudos tecnicamente lingüísticos.

Dados Etnográficos: destaca os conteúdos com registros etnográficos, como cantos, danças, rituais, etc.;

Descrição do Conteúdo: aqui se encaixa a descrição do conteúdo do material, de uma forma mais concisa e através de palavras-chaves.

Em uma outra aba encontram-se os campos referentes às informações técnicas do material do acervo, incluindo-se apenas metadados de descrição do suporte de mídia. Destacam-se os seguintes campos: suporte de gravação, especificações do material, tempo e tamanho do arquivo digital.

Com o objetivo de preservar o acervo original, e para facilitar a consulta ao material, foi incluído ao sistema uma duplicação de todo o material original, através de cópias de segurança, que também servem como material de consulta. A produção dessa cópia é feita sem nenhuma alteração em seu conteúdo. Somente em casos excepcionais é disponibilizado o material original. Para isso foram incluídos campos que descrevem esse material, como:

Especificação: descreve brevemente o suporte de registro;

Data-Digitalização: é a data relacionada à digitalização do material original para se fabricar a cópia de consulta;

Detalhes-Digitalização: informações a serem acrescentadas em caso de modificação do conteúdo do material, etc.;

Consulta-Conteúdo: link disponibilizado para consultar os arquivos de transcrição do material, ou seja, a consulta será feita no próprio computador onde é feita a consulta; explicaremos essa forma mais adiante no tópico de consultas;

Para melhor eficácia do banco de dados foi incluído um formulário para descrição das línguas, o qual recebeu os seguintes campos:

Sigla: nesse campo incluímos os códigos das línguas, que serão incrementados nos códigos de classificação do material;

Grupo e dialeto: identifica-se aqui as variantes das línguas ou dialetos, se for o caso;

Língua: incluem-se aqui os nomes das línguas; para padronizar esses nomes, utilizamos uma tabela desenvolvida pelo lingüista Denny Moore (2007);

Classe: quando as línguas têm certa semelhança significa que têm origens em comum, o que chamamos de Tronco e Família; com isso este campo foi incluído para informar a classe e a família da referida língua;

Homônimo: como informado acima no campo “*Língua*”, tentamos padronizar os nomes das línguas; no entanto, é de grande valia ter informações sobre a variação destes, com isso foi criado um campo para essa informação;

Localização: informamos nesse campo a localização do povo correspondente à língua, utilizando para isso os nomes das Reservas, Regiões, Estados ou Municípios próximos;

Falante da Língua: aqui incluímos as informações sobre o informante da língua em questão, como: nome, idade, filiação, entre outros dados de relevância.

2.1.1 Interface de consulta

As principais preocupações com as interfaces de consulta foram: a simplicidade, intuição para facilitar as pesquisas dos usuários e exatidão nas consultas. Por isso desenvolveu-se interfaces com botões específicos; essas restrições dão eficiência e exatidão às buscas.

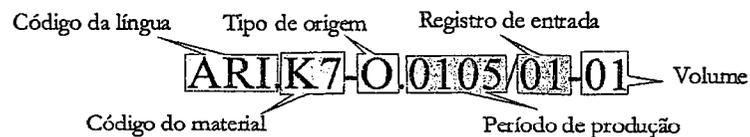
A consulta está dividida em três estratégias de busca: (i) a forma *simplex*, que realiza a busca de parâmetros entre metadados simples; (ii) a forma *booleana*, que usa o parâmetro “E” na consultas; e (iii) a forma *básica*, que possui campos com parâmetros pré-definidos, que é na verdade uma lista de descritores, isto é palavras-

chaves que facilitam a consulta, por exemplo, “mitos”, danças”, “palavras”, etc.

3 CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO UTILIZADO

Levando-se em conta a customização do sistema aos consulentes, criou-se um código de catalogação que rapidamente identificasse o material através de algumas informações básicas, principalmente: língua documentada no material, o tipo físico do material e sua data de produção, como mostrado na figura abaixo.

Figura 2 - Representação do código de classificação



Cada parte do código tem por função representar informações específicas sobre o material:

Código da língua: a lista de códigos para as línguas foi elaborada a partir de uma tabela das línguas indígenas brasileiras proposta por Denny Moore (2007). O código é formado por uma seqüência de três letras, semelhante à norma ISO/DIS 639-3 encontrado na página do SIL³. No exemplo acima, ARI refere-se a “Arikapú”. Cada código é formado por letras que correspondam às línguas, para uma maior facilidade de identificação das mesmas.

Código do material: essa segunda linha do código se refere ao suporte de gravação, que pode variar conforme o material. Nesse

³ Site do SIL: <<http://www.sil.org>>.

caso ilustrado acima, K7 se refere a uma fita cassete; outros exemplos seriam: MDV para Mini-DV, CD para *compact disc*, etc.

Tipo de origem: refere-se à forma como o material foi adquirido. Cada item do acervo é identificado de acordo com sua natureza: se for original, o item recebe a letra ‘O’, se for uma cópia fiel do original recebe ‘CO’, e se for cópia editada recebe ‘CE’.

Período de produção: é especificado aqui o período em que foi gravado o material, sendo especificado ano e mês, respectivamente. Neste exemplo temos ‘01’ para o ano de 2001 e ‘05’ para o mês de maio, logo temos uma produção feita em maio de 2001. Nesta linha de informação pode ocorrer o ‘00’ (zero, zero), para os materiais que não foram identificados os períodos de gravação; por exemplo, KAY.K7-O.0000/02.

Registro de entrada: esta linha é especificada para representar o número de entrada do material no acervo. Por exemplo, o código que leva ‘01’ é o primeiro material a ser registrado no mês de maio de 2001, para KAY.K7-O.0000/02, é o segundo material a ser registrado em um período não determinado.

Volume: representa o número da fita dentro de um volume de fitas produzidas. Por exemplo, se em uma viagem foram produzidas 3 fitas K7, logo cada uma vai levar um número representativo dentro do conjunto produzido, levando-se em conta a ordem de datas de gravação.

De acordo com as informações do exemplo citado acima, sua leitura pode ser interpretado da seguinte forma: esta é uma fita cassete, é uma versão original produzida no período de maio de dois mil e um, cuja língua gravada é Arikapú, sendo a primeira de uma seqüência de fitas cassetes.

Podemos citar outros exemplos do Código da língua, para o tronco Macro-Jê temos o Guató identificado como GUA; Akwen que se divide nos dialetos Xariabá, Xavante e Xerente, onde cada um possui seu código, respectivamente, XRB, XVT e XRT; para o tronco Tupi temos a língua Sakurabiat que também é nomeada como Mekém,

para esses casos opta-se por uma única nomenclatura utilizada como padrão, cuja sigla é SKB, corresponde a Sakurabiat. A lista completa das línguas e suas respectivas siglas podem ser encontradas no trabalho de conclusão de curso de Santos (2007).

A eficácia, a praticidade e o custo mínimo fizeram com que este modelo de catalogação se tornasse um modelo padrão para todo o acervo, organizando-o de forma adequada para facilitar a busca de um consulente.

4 CONCLUSÕES

Como diagnóstico inicial, a visualização dos materiais e a forma como os usuários poderiam utilizar o sistema foram fatores de extrema importância para a eficácia do sistema. Essa customização deu resultados bastante positivos ao sistema de informação desenvolvido no setor de lingüística, o que transformou o SIALI num competente sistema para organização de acervo multimídia em geral.

É evidente também que estamos longe de encontrar o sistema perfeito; no entanto, é analisando e comparando procedimentos de sistematização que possibilitará o desenvolvimento de sistemas cada vez mais plausíveis e correspondentes às necessidades de cada instituição, o que só poderá ser respondido através da customização de sistemas (CAFÉ; SANTOS; MACEDO, 2001).

A implementação do SIALI em *MS Access* se apresentou tão eficiente quanto outros Sistemas de Gerenciamento de Banco de Dados, com a vantagem de ser um sistema bastante flexível no seu desenvolvimento, na produção de relatórios e nas readaptações de customização.

Para a Catalogação dos materiais, optou-se pela não utilização do Código de Catalogação Anglo Americano por ser este muito específico no seu formato. Como se trata de um acervo com características particulares, a customização e a descrição do material

conforme a necessidade dos consulentes foram imprescindíveis na eficácia do sistema.

O Código de Classificação foi implementado seguindo-se critérios estabelecidos, que deveriam ter representação da língua, data e origem do material. É importante citar que essa forma de catalogação trouxe benefícios relacionados principalmente à consulta, uma vez que o material poderá ser facilmente localizado e seus detalhes consultados no banco.

REFERÊNCIAS

- CAFÉ, Lígia; SANTOS, Christophe dos; MACEDO, Flávia. Proposta de um método para escolha de software de automação de bibliotecas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 70-79, maio/ago. 2001.
- CORTE, Adelaide Ramos e; ALMEIDA, Lêda Muniz de; PELLEGRINI, Ana Emília; et. al. Automação de bibliotecas e centros de documentação: o processo de avaliação e seleção de softwares. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 241-256, set./dez. 1999.
- DRUDE, Sebastian. Documentação lingüística: o formato de anotação de textos. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 35, p. 27-51, 2006.
- FRANCHETTO, Bruna. O trabalho dos lingüistas. *Instituto Socio Ambiental*, 2000. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/portugues/linguas/trabling.shtm>. Acessado em: 15 de jul. 2007.
- GALUCIO, Ana Vilacy. Gravações e acervos a partir da pesquisa lingüística e cultural como um passo para revitalização, fortalecimento e resgate cultural. In: *Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual: Proteção do Conhecimento e das Expressões Culturais Tradicionais*, 2004, Belém. *Anais...* Belém: CESUPA, MPEG, 2005. p. 109-115.
- MOORE, Denny. Endangered Languages of Lowland Tropical South America. In: BRENZINGUER, Matthias (Editor). *Language Diversity Endangered*. Berlin: Mouton, 2007. p. 29-58.

SANTOS, Ellison C. B. dos. *Sistema de Informação do Acervo de Línguas Indígenas (SLALI): uma proposta de organização de acervo multimídia*. 2007. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

UNESCO. Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial, 2003, Paris. *Texto...* Paris, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/cultureich/index.php?pg=00006>. Acesso em: 29 de jul. 2007.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. *O custo da informação tecnológica*. São Paulo: Polis, Associação Paulista de Bibliotecários, 1997. 91 p. (Coleção Palavra-Chave, 8).

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA MOARA

A Revista MOARA aceita artigos originais para publicação que devem ser encaminhados ao editor responsável pelo número a ser organizado. Os textos serão submetidos ao Conselho Editorial da revista, que se reserva o direito de sugerir ao autor modificações de forma e/ou de conteúdo. Seguem abaixo as normas para publicação.

1. Redigir o texto em português, inglês, francês ou espanhol.
2. Utilizar margens de 3 cm. à esquerda, 2 cm. à direita, 3 cm. na margem superior e 2 cm. na margem inferior em formato de papel A4.
3. O texto digitado deve ter entre 4 mil e 8 mil palavras, incluindo os anexos.
4. Digitar o texto em Word for Windows (edição 6.0 ou superior), fonte Garamond, corpo 12, espaçamento simples entre linhas e parágrafos, em modo justificado.
5. Entre partes do texto e entre texto e exemplos, citações, tabelas, ilustrações etc, utilizar espaço duplo. Para fazer isso, basta redigi-los na segunda linha após o parágrafo anterior.
6. Para citações com mais de três linhas, adentrar o texto em 2 cm. e utilizar fonte Garamond, corpo 10.
7. Para citações com menos de três linhas, usar aspas no próprio corpo do texto.
8. Para notas de rodapé, usar fonte Garamond, corpo 10.

9. Utilizar paragrafação automática.
 10. Apresentar o texto na seguinte seqüência: título do artigo, nome(s) do(s) autor(es), resumo na língua do artigo e em alemão, francês, espanhol ou inglês, palavras-chave em português e na outra língua do resumo apresentado, texto, referências e anexos.
 11. Digitar o título do artigo centralizado na primeira linha da primeira página com fonte Garamond, tamanho 12, em formato negrito, todas as letras maiúsculas.
 12. Digitar o(s) nome(s) do(s) autor(es) de forma completa na ordem direta, na segunda linha abaixo do título, com alinhamento à direita, seguido do nome completo da Instituição de filiação, entre parênteses. Letras maiúsculas devem ser utilizadas apenas para as iniciais e para o sobrenome principal.
 13. Os resumos devem ser antecidos pela expressão RESUMO em maiúsculas, seguida de dois pontos, na terceira linha abaixo do nome do autor e sem adentramento. O texto dos resumos segue na mesma linha e deve ficar entre 100 e 150 palavras. Digita-lo em fonte Garamond, corpo 11.
 14. As palavras-chave devem ser antecidas pela expressão PALAVRAS-CHAVE em maiúsculas, seguida de dois pontos, na segunda linha abaixo do resumo e duas linhas acima do início do texto. Utilizar entre três e cinco palavras-chave com fonte Garamond, tamanho 11, separadas por ponto e vírgula.
 15. Digitar os títulos de seções com fonte Garamond, tamanho 12, em negrito. O título da introdução deve ser redigido na terceira linha após as palavras-chave. Os demais títulos, duas linhas após o último parágrafo da seção anterior (pular linha). Os títulos de seções são numerados com algarismos arábicos sem pontos (por exemplo, 1 Introdução, 2 Fundamentação teórica).
- Apenas a primeira letra de cada subtítulo deve ser grafada com caracteres maiúsculos, exceto nomes próprios.
16. Digitar a primeira linha de cada parágrafo de texto com adentramento.
 17. As citações no texto devem ser indicadas pelo sistema autor data. Ex.: Para citar, resumir ou parafrasear um trecho da página 36 de um texto de 2005 de Pedro da Silva, a citação completa deve ser (SILVA, 2005, p. 36). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.
 18. Citações no meio do texto sempre devem vir entre aspas e nunca em itálico. Use *itálico para indicar ênfase ou grafar termos estrangeiros*.
 19. Exemplos de corpora analisados devem vir no padrão de citação.
 20. Caso seja necessária transcrição fonética, o autor deve enviar a fonte utilizada juntamente com seu artigo, a fim de que a mesma possa ser instalada para editoração do artigo.
 21. Notas devem ser digitadas em rodapé em seqüência numérica. Se houver nota no título, marcar com asterisco (*). Não se deve usar nota para citar referência.
 22. Tabelas, quadros, gráficos, fotografias, ilustrações, desenhos etc. devem ser entregues prontos para a editoração eletrônica. As tabelas devem seguir os padrões estabelecidos pelo IBGE (1993). Não se admitem ilustrações xerocopiadas. Elas deverão ser devidamente escaneadas e inseridas no texto. Os títulos devem ser digitados com fonte Garamond, tamanho 12, em formato normal, centralizado. Tabelas, quadros, gráficos, fotografias, ilustrações, desenhos etc. devem ser identificados por legendas.

23. Os anexos devem ser entregues prontos para a editoração eletrônica. Para anexos que se constituem de textos já publicados, o autor deve incluir referência bibliográfica completa.
24. As referências devem ser antecidas da expressão Referências, em negrito. A primeira referência deve ser redigida na segunda linha abaixo dessa expressão. As referências devem seguir a NBR 6023 da ABNT: os autores devem ser citados em ordem alfabética, sem numeração, sem espaço entre as referências e sem adentramento; o principal sobrenome do autor em maiúsculas, seguido de vírgula e iniciais do demais nomes do autor. Se houver outros autores devem ser separados uns dos outros por ponto e vírgula; título de livro, de revista e de anais, em itálico; título de artigo: letra normal, como a do texto; se houver mais de uma obra do mesmo autor, seu nome deve ser substituído por um traço de cinco toques; mais de uma obra do mesmo autor no mesmo ano, use uma letra (a, b, ...) após a data. Ordene referências de mesmo autor em ordem decrescente. Exemplos:

FERREIRA, M. *Morfossintaxe da Língua Parkatêjê*. Munique: Lincom-Europa, 2005.

FURTADO, M. T. A visão da Amazônia em Euclides da Cunha, Ferreira de Castro e Dalcídio Jurandir. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS – GELNE, 20., 2004, João Pessoa, Paraíba. *Anais...*João Pessoa, 2004. p.1869-1874.

MAGNO E SILVA, W. Estratégias de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras – Um Caminho em Direção à Autonomia. *Intercâmbio*, v. XV. São Paulo: LAEL/PUC –SP, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/silva_w.pdf>. Acesso em: 5 set. 2007.

PESSOA, F. C. As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia paraense. In: MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (orgs.). *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 139-157.

SALES, G. M. A. Um público leitor em formação. *Moara*, Belém, v. 23, p. 23-42, jan-jun. 2006.

A desconsideração das normas especificadas acima resultará na não aceitação do artigo submetido

Última atualização em 17/09/2009.